

Carta à Comunidade salesiana do Oratório de Turim-Valdocco

Roma, 10 de maio 1884

Meus caríssimos filhos em Jesus Cristo:

Esteja eu perto ou longe, penso continuamente em vós. Um só é o meu desejo: o de ver-vos felizes no tempo e na eternidade. Este pensamento e este desejo me levaram a escrever-vos esta carta. Sinto, meus caros, o peso da minha ausência de junto de vós e o não ver-vos nem ouvir-vos causa-me tanta pena que nem podeis imaginar. Por isso eu gostaria de vos ter escrito estas linhas há já uma semana; mas as minhas contínuas ocupações me impediram.

Embora faltem poucos dias para o meu regresso, quero antecipar a minha presença entre vós por escrito, já que me não é possível fazê-lo pessoalmente. Estas palavras são de quem vos ama ternamente em Jesus Cristo e tem dever de vos falar com a liberdade de um pai. E vós me permitireis, não é verdade? E me prestareis atenção e poreis em prática o que vou dizer-vos.

Afirmei que vós sois o meu único e contínuo pensamento. Pois bem, numa das noites passadas, eu tinha-me retirado para o quarto e enquanto me preparava para ir repousar, tinha começado a rezar as orações que a minha boa mãe me ensinou. Nesse momento, não sei bem se dominado pelo sono ou saído fora de mim por alguma distração, pareceu-me que se apresentaram diante de mim dois antigos jovens do Oratório.

Um desses dois aproximou-se, e saudando-me afetuosamente disse-me:

- Dom Bosco, conhece-me?

- Claro que te conheço! - respondi -.

- E recorda-se ainda de mim? - acrescentou esse homem -.

- De ti e de todos os outros. Tu és Valfré, e estiveste no Oratório antes de 1870.

- Diga-me! - continuou Valfrè - quer ver os jovens que frequentavam o Oratório nos meus tempos?

- Sim, mostra-mos - respondi eu - isso me dará muito prazer.

E Valfré mostrou-me os jovens, todos com as mesmas aparências e a mesma estatura e idade que tinham naquele tempo. Parecia-me estar no antigo Oratório na

hora do recreio. Era uma cena toda vida, toda movimento, toda alegria. Quem corria, quem saltava, quem fazia saltar; aqui jogava-se ao salto, ali à bandeira, mais além à bola. Num lugar estava reunido um grupo de rapazes pendentes dos lábios de um sacerdote que narrava uma historiazinha. Num outro lugar, um clérigo que no meio de outros jovencinhos jogava ao *burro voa* e aos *ofícios*. Cantava-se, ria-se em toda a parte, e em qualquer lugar se viam clérigos e padres, e à sua volta os jovens alegremente em algazarra. Via-se que entre os jovens e os superiores reinava a maior cordialidade e confiança. Eu estava encantado com este espetáculo e Valfrè disse-me:

- Repare: a familiaridade gera amor, e o amor gera confiança. Isto é que abre os corações e os jovens revelam tudo sem temor aos mestres, aos assistentes e aos superiores. Tornam-se francos na confissão e fora da confissão, tornando-se dóceis às ordens daqueles de quem se sentem amados.

Naquele momento aproximou-se de mim outro meu antigo aluno, com a barba toda branca e disse-me:

- Dom Bosco, quer agora conhecer e ver os jovens que frequentam atualmente o Oratório? [Este era José Buzzetti].

- Sim – respondi eu – porque há já um mês que não os vejo!

Ele indicou-mos. Vi o Oratório e todos vós, em recreio. Mas já não ouvia vozes de alegria e cânticos, já não via aquele movimento, aquela vida como na primeira cena. Nas atitudes e no rosto de muitos jovens lia-se um tédio, um desânimo, um amuo, uma desconfiança, que entristecia o meu coração. Notei, é verdade, que muitos corriam, jogavam, brincavam com feliz despreocupação, mas outros, não poucos, eu via-os sós, encostados às colunas, dominados por pensamentos depressivos; outros nas escadas, nos corredores, nas varandas da parte do jardim, para fugirem ao recreio comum; outros a passear lentamente em grupos falando em voz baixa entre eles, lançando em volta olhares desconfiados e maliciosos: às vezes a sorrir mas com um sorriso acompanhado de olhares que faziam não só suspeitar, mas acreditar que São Luís ficaria corado caso se encontrasse na companhia deles; também entre os que jogavam havia alguns preguiçosos, que mostravam claramente não terem gosto nos divertimentos.

- Viste os teus jovens? – perguntou-me esse antigo aluno -.

- Vi-os – respondi, suspirando -.

- Como são diferentes daqueles que nós éramos outrora! – exclamou aquele antigo aluno.

- Infelizmente! Quanta apatia neste recreio.

- E daqui provém a frieza de tantos em se aproximarem dos santos sacramentos, o desleixo nas práticas de piedade na igreja e noutros lugres; o estar de má vontade num

lugar onde a Divina Providência os cumula de todos os bens para o corpo, para a alma, para a inteligência. Daqui o não corresponder de muitos à sua vocação; daqui a ingratidão para com os superiores; daqui os mexericos e as murmurações, com todas as outras deploráveis consequências.

- Compreendo – respondi eu -. Mas como se podem reanimar estes meus caros jovens, para que retomem a antiga vivacidade, jovialidade, expansão?

- Com o amor!

- Amor? Então os meus jovens não são suficientemente amados? Tu bem sabes como os amo. Tu sabes quanto tenho sofrido e tolerado por eles durante mais de quarenta anos e quanto tolero e sofro ainda agora. Quantas dificuldades, quantas humilhações, quantas oposições, quantas perseguições para dar-lhes pão, casa, mestres e especialmente para procurar a salvação das suas almas. Fiz quanto pude e soube para aqueles que constituem a paixão de toda a minha vida.

- Mas eu não estou a falar de ti!

- Então de quem? Dos que fazem as minhas vezes? Dos diretores, prefeitos, mestres, assistentes? Não vês como são mártires do estudo e do trabalho? Como consomem os anos da sua juventude por aqueles que a Divina Providência lhes confiou?

- Vejo, conheço; mas isso não basta: falta o melhor.

- O que falta ainda?

- Que os jovens não só sejam amados, mas que eles próprios sintam que são amados.

- Mas não têm olhos para ver? Não têm a luz da inteligência? Não vêem que quanto se faz por eles é tudo por amor?

- Não, repito; isso não basta.

- Que mais falta ainda?

- Que, sendo amados nas coisas de que gostam, participando nas suas inclinações juvenis, aprendam a ver esse amor naquelas coisas que naturalmente lhes agradam pouco, como a disciplina, o estudo, a mortificação de si mesmos, acabando por as fazer com amor.

- Explica-te melhor!

- Observa os jovens no recreio.

Observei e repliquei:

- E o que há de especial para ver?

- Há tantos anos que estás a educar jovens e não compreendes? Observa melhor!

Onde estão os nossos Salesianos?

Reparei e vi que bem poucos padres e clérigos se misturavam com os jovens e ainda menos tomavam parte nos seus divertimentos. Os superiores já não eram a alma dos recreios. A maior parte deles passeavam conversando entre si e não se interessando do que faziam os alunos; outros olhavam para o recreio sem se interessarem nada com os jovens; outros vigiavam de tão longe sem se darem conta de quem cometia alguma falta; um ou outro intervinha para corrigir, mas fazia-o em tom ameaçador e raramente. Havia algum salesiano que desejaria intervir nalgum grupo de jovens, mas via que esses jovens procuravam espertamente afastarem-se dos mestres e dos superiores.

Então, aquele meu amigo replicou:

- Nos antigos tempos do Oratório o senhor não estava sempre no meio dos jovens e especialmente na hora do recreio? Recordar-se desses belos anos? Era um gozo de paraíso, uma época que recordamos sempre com amor, porque o amor era o que nos servia de regra, e nós não tínhamos segredos para si.

- Certamente! E então, era tudo alegria para mim e para os jovens um impulso para se aproximarem de mim, com desejo de me falar, e com viva ânsia de ouvir os meus conselhos e pô-los em prática. Mas agora vê como as audiências contínuas e os muitos assuntos e a minha saúde me impedem.

- Está certo: mas se o senhor não pode, por que não se fazem seus imitadores os seus salesianos? Por que não insiste, não exige que eles tratem os jovens como os tratava o senhor?

- Eu falo, canso-me de repetir, mas infelizmente muitos já não estão dispostos aos mesmos sacrifícios de outrora.

- E então descuidando o menos, perdem o mais, e este mais são os seus esforços. Que amem o que agrada aos jovens e os jovens amarão o que agrada aos superiores. E deste modo será fácil a sua fadiga. A causa da atual mudança no Oratório é porque um certo número de jovens não tem confiança nos superiores. Antigamente os corações estavam todos abertos para com os superiores, que os jovens amavam e a quem obedeciam prontamente. Mas agora os superiores são considerados como superiores e já não como pais, irmãos e amigos; e então são temidos e pouco amados. Por isso, querendo fazer um só coração e uma só alma por amor de Jesus é preciso que se quebre aquela fatal barreira da desconfiança e seja substituída por esta confiança cordial. Que então a obediência guie o aluno como a mãe guia e seu menino. Então reinará no Oratório a paz e a alegria de outrora.

- E como fazer, para quebrar esta barreira?

- Familiaridade com os jovens especialmente no recreio. Sem familiaridade não se demonstra o amor e sem esta demonstração não pode haver confiança. Quem deseja ser

amado precisa de fazer ver que ama. Jesus Cristo fez-se pequeno com os pequenos e carregou com as nossas enfermidades. Eis o mestre da familiaridade. O mestre visto apenas na cátedra é mestre e nada mais, mas se vai ao recreio com os jovens torna-se como irmão. Se um é visto apenas a pregar do púlpito dir-se-á que faz nem mais nem menos do que o seu dever, mas se diz uma palavra no recreio, essa é uma palavra de quem ama. Quantas conversões não causarão algumas suas palavras proferidas espontaneamente ao ouvido de um jovem no momento em que ele se divertia. Quem sabe que é amado ama e quem é amado obtém tudo especialmente dos jovens. Esta confiança produz uma corrente eléctrica entre os jovens e os superiores. Os corações abrem-se e dão a conhecer as suas necessidades e defeitos. Este amor faz que os superiores suportem as suas fadigas, as dificuldades, as ingratidões, os transtornos, as faltas, as negligências dos jovens. Jesus Cristo não quebrou a cana já fendida nem apagou a torcida que ainda fumegava. Eis o vosso modelo. Então já não se verá quem trabalhe pela vanglória; quem castigue somente para vingar o amor próprio ofendido; quem se afaste do campo da vigilância por inveja de uma temida preponderância de outrem; quem murmure dos outros querendo ser amado e estimado pelos jovens, excluídos todos os outros superiores, ganhando não mais do que desprezo e hipócritas lisonjas; quem se deixe roubar o coração por uma criatura e para fazer cortesia a esta, negligencia todos os outros jovens; quem por amor das próprias comodidades desconsidere o dever rigorosíssimo da vigilância; quem por um vão respeito humano deixa de advertir a quem deve ser advertido. Se existir o verdadeiro amor nada mais se procurará do que a glória de Deus e a salvação das almas. É quando definha este amor que as coisas não correm bem. Por que se quer substituir ao amor a frieza de um regulamento? Por que os superiores se afastam da observância daquelas regras de educação que Dom Bosco lhes ditou? Por que ao sistema de prevenir com a vigilância e amorosamente as desordens, se vai substituindo pouco a pouco com o sistema menos penoso e mais improvisado para quem comanda, e emanar leis que se sustêm com castigos, acendem ódios e causam incómodos; se se negligencia fazê-las observar causam desprezo pelos superiores e causam desordens gravíssimas?

E isto acontece necessariamente se falta a familiaridade. Se portanto se quer que o Oratório volte à antiga felicidade ponha-se em vigor o antigo sistema: que o superior seja tudo para todos, pronto a escutar sempre toda a dúvida ou queixa dos jovens, seja todo olhos para vigiar paternalmente a sua conduta, todo coração para procurar o bem espiritual e temporal daqueles que a divina providência lhe confiou. Então não haverá corações fechados nem reinarão certos mexericos que matam. Só em caso de imoralidade os superiores sejam inflexíveis. É melhor correr o risco de afastar da casa um inocente, do que reter um escandaloso. Os assistentes assumam um rigorosíssimo

dever de consciência de referir aos superiores todas as coisas que conheçam, que de algum modo sejam ofensa de Deus.

Então eu perguntei:

- E qual é o meio principal para que triunfe essa familiaridade e esse amor e confiança?

- A observância exata das regras da casa.

- E nada mais?

- O melhor prato à mesa é a boa disposição.

Enquanto deste modo o meu antigo aluno acabava de falar e eu continuava a observar com grande desagrado aquele recreio, pouco a pouco senti-me oprimido por grande cansaço que ia aumentando sempre.

Esta opressão chegou ao ponto que não podendo resistir mais, estremeci e voltei a mim. Encontrei-me de pé, junto ao leito. As minhas pernas estavam tão inchadas e doíam-me tanto, que não podia estar direito. A hora era tardíssima e então fui-me deitar decidido a escrever aos meus caros filhos estas linhas.

Eu desejo não ter estes sonhos porque me cansam muito. No dia seguinte sentia-me alquebrado no corpo e não via como poder repousar na noite seguinte. Mas eis que apenas cheguei ao leito recomecei o sonho. Tinha diante de mim o pátio, com os atuais jovens do Oratório, e o mesmo antigo aluno do Oratório. E comecei a interrogá-lo:

- O que me disseste eu o transmitirei aos meus salesianos, mas aos jovens do Oratório que devo dizer?

Respondeu-me:

- Que eles reconheçam quanto os superiores, os mestres, os assistentes se cansam e estudam por amor deles, pois se não fosse por amor deles não se sujeitariam a tantos sacrifícios; que se recordem ser a humildade a fonte de toda a tranquilidade; que saibam suportar os defeitos dos outros pois no mundo não se encontra a perfeição, mas esta só existe no paraíso; que cessem as murmurações pois estas esfriam os corações. E sobretudo que procurem viver na santa graça de Deus. Quem não tem paz com Deus não tem paz consigo e não tem paz com os outros.

- E tu dizes-me então que existem entre os meus jovens alguns que não estão em paz com Deus?

- É esta a primeira causa do mau humor, entre as outras que tu conheces, às quais debes dar remédio, e que não cabe a mim dizer-te agora. De facto: só desconfia quem tem segredos a guardar, quem tem medo que estes segredos venham a conhecer-se, porque sabe que daí lhe viria vergonha e desgraça. Ao mesmo tempo, se o coração não tem a paz com Deus, permanece angustiado, inquieto, incapaz de obedecer, irrita-se

por nada, parece-lhe que tudo vai mal e, porque ele não tem amor, julga que os superiores não o amam.

- E no entanto, meu caro, não vêes quanta frequência de Confissões e de Comunhões há no Oratório!?

- É verdade que a frequência das confissões é grande, mas o que falta *radicalmente* em muitos juvenzinhos que se confessam é a perseverança nos propósitos. Confessam-se mas sempre das mesmas faltas, das mesmas ocasiões próximas, dos mesmos maus hábitos, das mesmas desobediências, do mesmo desleixo nos deveres. Assim se vai andando durante meses e meses, e também por anos e anos, e mesmo alguns continuam assim até à 5ª ginasial. São confissões que valem pouco ou nada; por isso não conseguem paz e, se um juvenzinho fosse chamado naquele estado ao tribunal de Deus, seria um caso muito sério.

- E há muitos destes no Oratório?

- Poucos, em comparação com o grande número de jovens que há na casa: observa-os!

E apontava-mos. Eu olhei; e vi um por um aqueles rapazes. Mas nestes poucos vi coisas que amarguraram profundamente o meu coração. Não quero aqui escrevê-las na carta, mas quando voltar quero dizê-las a cada um daqueles a quem se referem. Aqui dir-vos-ei apenas que é tempo de rezar e de tomar firmes resoluções; propor não com palavras mas com os factos, e mostrar que os Comollo, os Domingos Sávio, os Besucco e os Saccardi continuam a viver entre nós.

Por último perguntei àquele meu amigo:

- Não tens mais nada a dizer-me?

- Prega a todos, grandes e pequenos, que se recordem sempre de que são filhos de Maria Santíssima Auxiliadora. Que Ela mesma aqui os reuniu para conduzi-los fora dos perigos do mundo, para se amarem como irmãos e para darem glória a Deus e a Ela com o seu bom comportamento. Que é Nossa Senhora que lhes providencia pão e meios para estudar, com infinitas graças e prodígios. Que se recordem que estão na vigília da festa da sua Santíssima Mãe e que com o seu auxílio deve cair aquela barreira de desconfiança que o demónio soube levantar entre jovens e superiores e da qual sabe servir-se para ruína de certas almas.

- E conseguiremos remover esta barreira?

- Certamente que sim contanto que grandes e pequenos estejam prontos a sofrer algumas pequenas mortificações por amor de Maria e ponham em prática o que eu lhe disse.

Entretanto eu continuava a olhar para os meus jovens e para o espectáculo daqueles que via encaminhados para a perdição eterna, senti tal aperto no coração que acordei. Muitas coisas importantíssimas que eu vi desejarei ainda contar-vos mas o tempo e a conveniência não mo permitem.

Concluo. Sabeis o que deseja de vós este pobre velho que pelos seus queridos jovens gastou toda a sua vida? Nada mais do que, feitas as devidas proporções, voltem os dias felizes do antigo Oratório. Os dias do amor e da confiança cristã entre os jovens e os superiores; os dias do Espírito de condescendência e de aceitação de uns para com os outros, por amor de Jesus Cristo; os dias dos corações abertos com toda a simplicidade e candura; os dias da caridade e da verdadeira alegria para todos. Sinto necessidade de que me consoleis dando-me a esperança e a promessa de que fareis tudo o que desejo para o bem das vossas almas. Vós não conheceis bem a sorte que tendes em ser recebidos no Oratório. Diante de Deus vos afirmo: Basta que um jovem entre numa casa salesiana para que a Virgem Santíssima o tome sob a sua especial protecção.

Ponhamo-nos pois todos de acordo. A caridade dos que mandam, a caridade dos que devem obedecer faça reinar entre nós o Espírito de São Francisco de Sales. Ó meus queridos filhos, aproxima-se o tempo no qual terei de me separar de vós e partir para a minha eternidade, [Nota do secretário. Nesta altura, D. Bosco parou de ditar; os olhos arrasaram-se-lhe de lágrimas, não de mágoa, mas de inefável ternura que transbordava do seu olhar e do tom da sua voz. Após alguns instantes, continuou] por isso anseio por deixar-vos, ó padres, ó clérigos, ó jovens caríssimos, por aquela via do Senhor na qual Ele mesmo vos deseja. Para isso o Santo Padre, com quem me encontrei na sexta-feira 9 de maio, vos envia de todo o coração a sua bênção. No dia da festa de Maria Santíssima Auxiliadora estarei convosco diante da imagem da nossa Amorosíssima Mãe. Quero que esta grande festa se celebre com toda a solenidade e que o padre Lazzero e o padre Marchisio pensem em fazer-nos estar alegres também no refeitório. A festa de Maria Auxiliadora deve ser o prelúdio da festa que devemos celebrar todos juntos um dia no paraíso.

Vosso afeiçoadíssimo amigo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco